

## A PERCEPÇÃO E O COMPORTAMENTO AMBIENTAL DOS JOVENS EM INSTITUIÇÃO DE INTERNAÇÃO – UM ESTUDO DE CASO

**Vera Helena Moro Bins Ely (1); Elena Maria Duarte de Oliveira (2);  
Aline Eyng Savi (3); Juliano Darós Amboni (4)**

(1) Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Trindade - CP 470 - CEP 88040-970 – Florianópolis Santa Catarina - Brasil - FONE: 55 (48) 3721 9393 - FAX: 55 (48) 3721 9550, email: vera@arq.ufsc.br

(2) Universidade Federal de Santa Catarina, R. Joe Collaço, nº 75 apto 2, Córrego Grande – cep:88037-010, Florianópolis, Santa Catarina, tel (48) 9911-6409, e-mail: elenaduarte\_jf@yahoo.com.br

(3) Universidade Federal de Santa Catarina Rua Emílio de Menezes, número 355, CEP: 88810-260, Bairro Centro, Criciúma, Santa Catarina, tel (48) 9978-1208, fax (48) 3433 4235 e-mail: arq.alinesavi@hotmail.com;

(4) Universidade Federal de Santa Catarina, Rua Aristides Lobo, 520 - 111. Agronômica - CEP 88025-510, Florianópolis, Santa Catarina, tel (48) 99583499, e-mail: arquitetojuliano@linhalivre.net

### RESUMO

O artigo avalia a percepção e o comportamento de jovens internas que ocupam a sala de convivência de uma instituição de internação para adolescentes infratores. O estudo é organizado a partir de três métodos: Observação, Entrevista e Mapa Mental. Os resultados e discussões destacam a ausência de estímulos no ambiente, a apatia das internas em idealizar possíveis mudanças, a utilização de mecanismos reguladores para a demarcação do território e manutenção da privacidade. As considerações finais reforçam que locais de internação devem ser ambientes protetores e, para isso, as recomendações projetuais são voltadas a enriquecer a sala de convivência com estímulos positivos, procurando também obter o conforto e a segurança necessários para o desempenho de atividades e, consequentemente, o resgate do sentido de lugar e dos valores de cidadania.

### ABSTRACT

*The article evaluates the perception and the internal youths' behavior that occupy the room of coexistence of an institution of internment for young offenders. The study is organized starting from three methods: Observation, Interviews and Mental Map. The results and discussions highlights the absence of incentives in the atmosphere, the interns' apathy to idealize possible changes, the use of mechanisms regulators for the demarcation of the territory and maintenance of the privacy. The final considerations, reinforce that internment places should be protecting atmospheres and for that the project recommendations returned to enrich the coexistence room with positive incentives, also trying to obtain the comfort and the necessary safety for the acting of activities and, consequently, the ransom of the place sense and of the citizenship values.*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo expõe a avaliação da percepção e do comportamento de jovens infratoras durante o uso da sala de convivência da ala feminina em uma instituição de internação de adolescentes infratores. Além dos métodos utilizados neste estudo, descrevem-se os resultados e recomendações, fundamentados em revisão bibliográfica.

As instituições de internação recebem, na maioria dos casos, internos masculinos ou femininos, quando é o caso de atender a ambos os sexos, a separação deve ser feita de forma adequada. A partir de um projeto sócio-político e pedagógico adequado às normas do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), a instituição abriga e desenvolve atividades de escolarização, visando a re-socialização dos internos.

Segundo o artigo 94 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), os locais de internação de menores infratores devem oferecer atendimentos personalizados e em pequenos grupos, “oferecerem instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade, higiene, salubridade e segurança [...]”, propiciarem educação escolar e profissionalizante, além de atividades culturais, de lazer e esportivas.

Conforme Newcombe (1999), o tratamento disponibilizado reflete no desenvolvimento e comportamento. Os espaços que desconsideram a percepção ambiental e as trocas sociais podem produzir, de acordo com a autora, aumento da agressividade e outros tipos de estresses que são agravados pela situação em que se encontram os adolescentes.

Portanto, o estudo da relação entre o ambiente e o comportamento é primordial para registrar e analisar como o usuário percebe e experimenta o espaço e até que ponto o ambiente contribui positivamente na realização das atividades e na promoção do bem-estar.

De acordo com Bins Ely (2004, p. 21), “[...] a responsabilidade em projetar locais de trabalho vai além do desenho de ambientes eficazes em termos de conforto e segurança, que atendam as necessidades funcionais para a realização das atividades. Pressupõe, também, compreender suas necessidades formais e estéticas a fim de assegurar um espaço agradável, de prazer e bem-estar”.

Em locais de internação, a conquista da autonomia é um dos fatores que conduzem ao resgate dos valores de cidadania. A eliminação das restrições físicas pode contribuir para minimizar a barreira invisível: o preconceito com que são vistos os jovens ali abrigados. Pois, o ambiente em que um indivíduo cresce e se desenvolve é crucial nas causas e manifestações dos seus problemas.

Porquanto, segundo Okamoto (2002) o comportamento é uma resposta à percepção do ambiente através dos vários estímulos por ele emitidos. Bins Ely (2003) complementa o conceito afirmando que a percepção é o ponto de partida de toda atividade humana.

Logo, torna-se importante para o arquiteto estudar os locais de internação sob os princípios da percepção e do comportamento ambiental, na tentativa de projetar meios físicos que possibilitem a reintegração social dos jovens e minimizem os efeitos negativos da permanência neste tipo de espaço, como o estresse ambiental, que pode ocasionar malefícios tanto psicológicos quanto físicos e é causado, segundo Bins Ely (2003), pela ausência e/ou excesso de estímulos no ambiente.

O objetivo geral deste trabalho é avaliar as condições de percepção e comportamento ambiental na sala de convivência da ala feminina de uma instituição de internação de adolescentes infratores, considerando a diversidade de usuários e a influência dos elementos ambientais presentes.

As reflexões articulam-se em torno de três objetivos específicos:

- Detectar e descrever as atividades cotidianas realizadas pelas jovens na sala de convivência;
- Avaliar a percepção ambiental das usuárias, visando elucidar possíveis pontos de conflito e estresse ambiental;
- Diagnosticar reações comportamentais das jovens no ambiente a fim de propor sugestões projetuais contribuindo espacialmente para a recuperação das internas.

## **2. MÉTODOS E TÉCNICAS**

A sistematização das etapas para a obtenção dos dados do estudo de caso baseou-se na combinação de três diferentes instrumentos de investigação: Observações, Entrevistas e o Mapa Mental. Cabe ressaltar que houve uma ordem seqüencial para a aplicação de cada etapa e a opção de combinar os métodos teve a intenção de complementar as limitações apresentadas por cada um.

### **2.1 Observações**

Para o estudo de caso, as observações realizadas seguiram a sistematização de Marconi; Lakatos (1996) subdividindo-se em assistemática e sistemática. Utilizou-se daquele procedimento para a

primeira visita exploratória à instituição. A primeira observação feita de forma assistemática pelos pesquisadores foi importante para a familiarização com o complexo arquitetônico, para a escolha do ambiente de estudo: a sala de convivência da ala feminina, e para a estruturação da observação sistemática realizada no ambiente escolhido.

As observações sistemáticas da sala de convivência da ala feminina foram no total de quatro, três no período matutino e uma no vespertino, e realizadas em curtos períodos de tempo, em média 2 horas/dia, em função da rotina da instituição.

Tinham como objetivo avaliar a apropriação e uso do espaço pelas usuárias (adolescentes internadas e monitoras). Procurou-se identificar seu perfil e hábitos, descrevendo também a rotina na instituição e na sala de convivência, as formas de interação social, a organização espacial e a apropriação do espaço.

As descrições do espaço físico (dimensões da sala de convivência, as características e as condições dos elementos construtivos e dos acabamentos), do mobiliário e do *layout* foram fundamentais para compreender e justificar a percepção e o comportamento das internas.

As técnicas usadas para a realização do método de observação foram: registros fotográficos, levantamento arquitetônico e registro escrito, com sistematização por tópicos e posteriormente transcrição para texto.

## **2.2 Entrevista**

Foram realizados dois tipos de entrevista:

- Estruturada, em número de duas. A primeira entrevista foi realizada com a monitora de plantão durante as visitas exploratórias, com o objetivo de conhecer melhor a rotina específica da ala feminina, e a visão da monitora sobre o comportamento das adolescentes durante realização das atividades na sala. A segunda entrevista foi realizada com a Assistente Social, visando conhecer a rotina da instituição, a infra-estrutura arquitetônica, a meta de atendimento, as características gerais dos funcionários e dos jovens internados.
- Não estruturada, em número de nove. Estas entrevistas foram realizadas com as adolescentes e o objetivo foi compreender as percepções delas em relação ao ambiente da sala. Ocorreram durante a aplicação do Mapa Mental. A forma não-estruturada de montagem da entrevista foi fundamental para ganhar a confiança das adolescentes e obter maior receptividade aos questionamentos, pois, conforme Marconi; Lakatos (1996), as perguntas abertas se adequam a diferentes situações e às especificidades de cada grupo de entrevistados.

## **2.3 Mapa Mental**

No intuito de correlacionar a percepção com a idealização do espaço, o grupo vislumbrou a aplicação de dois mapas: da situação Real da sala e da situação Ideal. O Mapa Mental seria utilizado para o entendimento da situação Real, uma vez que com sua análise é possível saber, através dos elementos desenhados a partir da memória, como o usuário percebe a sala. No entanto, a dificuldade de deslocamento das adolescentes para outra sala da Instituição impossibilitou a realização do Mapa Mental, sendo realizado apenas o Mapa da situação Ideal, cuja aplicação poderia ser feita na própria sala de atividades, uma vez que, a intenção desse tipo de Mapa é obter dados referentes às modificações espaciais almejadas pelas adolescentes.

A primeira etapa do trabalho foi uma explanação do método às internas, com a disponibilização do material necessário, como folha A4 tipo sulfite, lápis grafite HB e lápis de cores. Em seguida, o procedimento consistiu no desenho de imagens que fossem condizentes com a seguinte pergunta: “Como seria a sua sala de convivência ideal?”.

Para a análise, os desenhos foram divididos em dois grupos: grupo A, os realizados por jovens que estavam na instituição de internação por mais de três meses e grupo B, composto pelas jovens internadas a menos de três meses – vale ressaltar que todas as jovens que compunham o Grupo B estavam na instituição a menos de três semanas. Os dados foram sistematizados a partir da quantificação de cada objeto desenhado. Esta tabulação teve a finalidade de analisar os dados obtidos e verificar se as necessidades apontadas variavam com o tempo de internação. Ressalta-se que os

pesquisadores não realizaram uma análise psicológica dos desenhos – observando, por exemplo, a hierarquia dos objetos desenhados, a utilização das cores, o tamanho e a localização dos elementos – para evitar conseqüentes equívocos, já que esta análise não compete ao arquiteto devido sua formação.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 3.1 Observações

No que diz respeito à configuração espacial observou-se que essa instituição possui arranjos físicos de difícil leitura espacial e orientabilidade, confirmando que o projeto foi adaptado à função atual. Os ambientes das alas possuem algumas referências prisionais, em contrariedade com o artigo 125 que estabelece a adoção de medidas de segurança coerentes com o público, visando, sempre, “zelar pela integridade física e mental dos internos” e o artigo 185 que afirma “a internação [...] não poderá ser cumprida em estabelecimento prisional.”.

A sala de convivência da ala feminina com 27,30m<sup>2</sup>, cerca de 1,33% da área total construída, numa primeira observação pareceu possuir dimensões suficientes às tarefas ali desempenhadas. A setorização do *layout* da sala, originada pelos determinantes fixos como o banco de concreto e os pontos elétricos, mostrou induzir a formação de dois grupos distintos de internas que desempenham, separadamente, duas atividades: assistir televisão e realizar atividades na mesa (jogos, desenhos, pinturas). No entanto, devido ao escasso mobiliário oferecido para assistir televisão, não existe a possibilidade de todas realizarem essa atividade ao mesmo tempo, com o conforto mínimo adequado.

A atividade de assistir televisão mereceu atenção especial dos pesquisadores por ser mais corriqueira e apresentar “domínio territorial” por algumas internas. Nos registros realizados constatou-se que as poltronas mais confortáveis eram ocupadas sempre pelas mesmas duas jovens, com a característica comum de estarem a mais tempo na Instituição de Internação. Durante as programações de televisão que as desagradassem permitiam, por um curto espaço de tempo, a ocupação dessas poltronas por outras internas. Conforme descrito por Fischer (1994), a ocupação e o domínio de um território implicam na escolha dos melhores lugares; a apropriação se manifesta como o exercício de controle e de poder físico ou psicológico.

Todas as paredes da sala de convivência estão pintadas com desenhos feitos pelas internas durante uma atividade proposta pelo professor de artes da instituição. Para os pesquisadores, essas intervenções poluem visualmente a sala, causando sensação de desconforto.

As únicas aberturas do ambiente são duas janelas altas, com dimensões de 2,12 metros de largura por 0,50 centímetros de altura e peitoril de 2,20 metros. Não possuem vedação que permita o controle do conforto ambiental na sala de convivência e há *brise soleil* fixo em toda a extensão, o que remete visualmente às grades prisionais. Além do desconforto térmico gerado, não é possível a visualização da área externa. Essa barreira visual pode agravar a sensação de confinamento e o embotamento sensorial.

Notaram-se, também, restrições à intimidade das internas. Conforme Altman (1975 apud GIFFORD, 1987), o ser humano procura na intimidade o tipo de privacidade ideal. No entanto, devido à necessidade de fazer do local um ambiente seguro tanto para os funcionários como para as internas, elas não podem controlar por si mesmas a sua privacidade. Como exemplo, a ida ao banheiro, quando as jovens estão no quarto ou na sala de convivência, dá-se mediante autorizações. A existência de visores nas portas dos quartos (instrumentos de segurança), também interfere na intimidade das adolescentes, uma vez que permite que sejam observadas a qualquer momento.

Durante a aplicação do método de Mapa Mental foi, também, registrado o comportamento das internas. Para a realização da atividade houve um rearranjo no *layout* da sala, incorporando à mesa as duas poltronas utilizadas para assistir a televisão. Uma destas poltronas foi posicionada sobre o banco de concreto, numa das cabeceiras da mesa, pela jovem de maior liderança no grupo, com a alegação de evitar o contato com a umidade oriunda da parede que margeia o banco de concreto (figura 01). A segunda poltrona foi levada por uma das adolescentes para a outra cabeceira, com o propósito de atender ao pesquisador responsável por aplicar o método, que manifestou verbalmente a sua preferência em permanecer de pé.

As demais internas sentaram-se: três no banco de concreto, utilizando as almofadas dobradas para alcançar de forma confortável à mesa, e cinco no banco de madeira, o que ocasionou pequenas discussões durante a atividade. A proximidade excessiva levou uma das jovens a não completar a atividade. De acordo com Fischer (1994) tal comportamento tem origem no fato desta proximidade ser considerada uma intrusão no espaço pessoal, uma violação da intimidade, criando-se, assim, uma série de reações que aumentam a distância interpessoal e reduzem a interação entre os indivíduos. Mesmo estando vazio durante toda a atividade, o assento destinado inicialmente ao pesquisador não foi utilizado por nenhuma das jovens que estavam sentadas no banco de madeira. Isso mostrou uma forma de domínio psicológico do território, exercido involuntariamente pelo pesquisador, a partir do momento que a cadeira foi designada para ele.



Fig. 01 – Adaptação feita para não sentar no banco de concreto e encostar-se à parede úmida – Ocupação da cabeceira.

Fig. 02 – As internas na mesa e a poltrona, colocada para os pesquisadores, vazia.  
(Fonte: Arquivo Pessoal dos Autores, 2006)

### 3.2 Entrevistas

As entrevistas tiveram como objetivo principal confirmar as observações realizadas e eliminar os possíveis erros de análise dos pesquisadores quanto à percepção do local.

O resultado das entrevistas estruturadas, realizadas com funcionárias da instituição, permitiu o conhecimento da rotina institucional. As atividades na sala de convivência iniciam-se após o despertar e perduram durante todo o dia. A exceção se dá no período das 12:00 às 14:00 horas, quando as jovens almoçam no refeitório e retornam aos dormitórios para a sesta. Segundo as monitoras não há uma programação rígida para a utilização do ambiente e é comum a repetição diária das atividades, em especial assistir televisão. Quanto ao comportamento das adolescentes, foi relatado que existe agressividade, competição, e que alternam períodos de maior e menor incidência desses comportamentos.

As entrevistas não-estruturadas, realizadas com as adolescentes, mostraram que todas se sentem desconfortáveis com o lugar, sendo o maior fator de desconforto a precariedade do mobiliário existente na sala. As pinturas nas paredes também causam incômodo nas adolescentes. A maioria reclama dos desenhos por esses terem sido realizados por outras internas que já saíram da instituição. As que participaram da atividade que deu origem aos desenhos reclamam da poluição visual, pois já estão cansadas de ver os mesmos grafismos nas paredes; “[...] parece sujo e isto incomoda [...]”, comentou uma das jovens, que era autora de um dos desenhos. Para o primeiro caso, acredita-se que, segundo Fischer (1994), tal manifestação pode ser encarada como uma forma de “demarkação territorial”, que visa perturbar, incomodar e chocar, resultando na rejeição por parte das adolescentes que não participaram da atividade de pintura. Já o incômodo por parte das adolescentes que pintaram as figuras nas paredes se deve, provavelmente, pelo excesso de estímulo causado pelos desenhos, o que acaba tornando o ambiente cansativo.

Quando as internas foram abordadas sobre a imagem que faziam da instituição de internação, as respostas foram ambíguas, “[...] eu não tenho casa não, minha casa é aqui Dona [...]”, respondeu uma das jovens. No entanto, enfatizou que não gostava do lugar devido à falta de conservação. Como afirma Gesell (1998) locais de internação devem proporcionar uma relação equilibrada entre interno e ambiente, pois esta é a condição indispensável ao pleno desenvolvimento do jovem.

### 3.3 Mapa Mental

Notou-se, após a tabulação e quantificação dos desenhos sobre a sala ideal, que ambos os grupos não vislumbraram alterações espaciais, mesmo tendo verbalizado tal necessidade. O Grupo A, composto pelas jovens com maior tempo de internação, teve maior dificuldade em propor alterações, verificada tanto pela demora para realizar a atividade quanto pelo resultado final do desenho: menos objetos desenhados e todos eram ligados a melhorias no mobiliário existente. A figura 3 representa o desenho feito por uma das jovens deste grupo. Nele a adolescente ateu-se na melhoria de três objetos marcantes na sala de convivência: as duas poltronas e a televisão, acrescentando apenas um aparelho de DVD. Elementos arquitetônicos não foram desenhados assim como não foi proposto nenhum acréscimo significativo de mobiliário no ambiente da sala. Como um comentário final, relata-se a opção feita pela adolescente em não utilizar cores, e a utilização de régua para fazer os desenhos.

As jovens com menor tempo de internação, mostraram-se mais capazes de sugerir possíveis alterações e maior rapidez na execução da atividade, observando também que as ilustrações eram sempre ligadas ao *layout* e ao mobiliário. O desenho feito por uma das jovens do Grupo B (ver figura 4), mostra uma maior quantidade de elementos desenhados, alguns representando melhoria do mobiliário já existente e outros, equipamentos que desejaria que existissem na sala. A adolescente utilizou os limites do papel para representar as paredes da sala e reproduzir as melhorias. Não há alteração na setorização existente, ficando a sala ainda dividida nas duas atividades existentes atualmente (ver TV e uso da mesa de madeira), porém é claro o desejo por mobiliários mais confortáveis e em melhor estado de conservação. A conformação espacial do banco de concreto continua presente no desenho de dois assentos contínuos (em verde) no mesmo local. A quantidade de assentos (o sofá grande, as cadeiras nas mesas, e os bancos verdes), mostra claramente a necessidade de adequação da sala para comportar as adolescentes durante as atividades realizadas. As brincadeiras representadas no canto inferior esquerdo mostram o desejo, expressado verbalmente durante a entrevista, de realizar atividades fora da sala de convivência, ao ar livre. O título do desenho foi dado pela adolescente e justificado em comentário, por ser o seu desejo algo impossível de ocorrer.

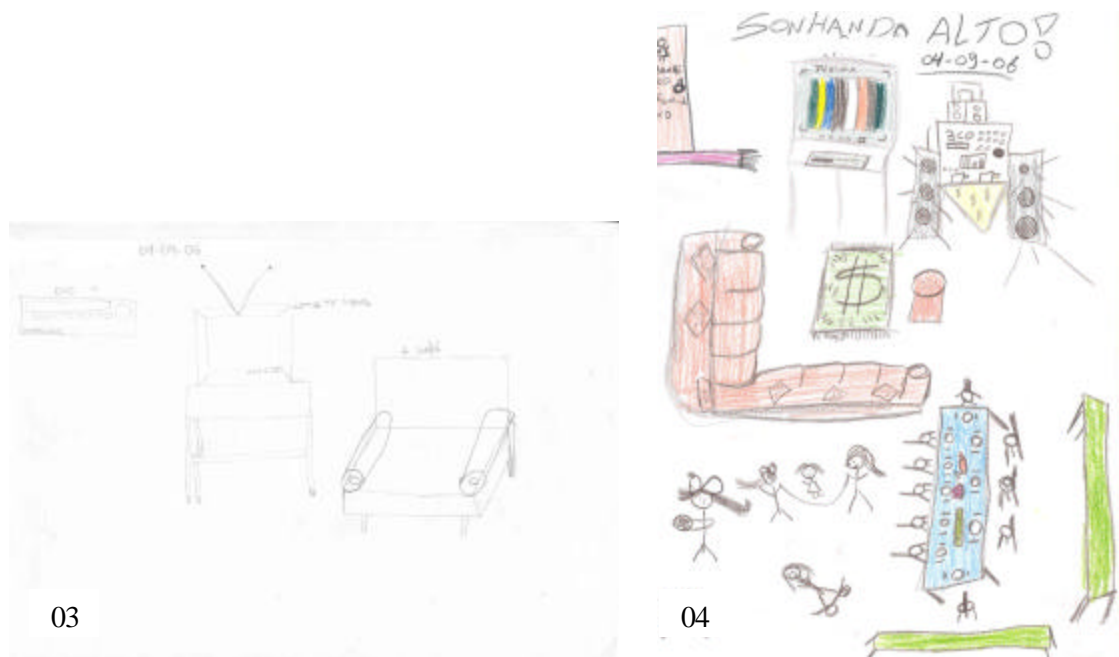


Fig. 03 e 04 – desenhos feitos durante a atividade proposta. Fonte: (Arquivo Pessoal dos Autores, 2006)

As aberturas mal dimensionadas foram o tema mais recorrente nos desenhos - cinco das nove jovens desenharam o elemento. A figura 5, montada pelos pesquisadores, mostra recortes das janelas desenhadas por essas 5 adolescentes. Quando foram perguntadas sobre o porquê das ilustrações, houve consenso nas respostas. As internas afirmavam desejar uma nova solução, mas por não saberem resolver o problema, representaram o elemento tal como ele é no seu mapa “Ideal”.



Fig. 05 – Recorte feito pelos pesquisadores dos desenhos em que aparecem as aberturas.  
Fonte: (Arquivo Pessoal dos Autores, 2006)

Importante conclusão resultante deste método é o fato das jovens não conseguirem abstrair-se da situação real e criar uma idealização do ambiente. Este comportamento é exposto por Sommer (1973) como o “mal do institucionalizado”. O autor afirma que nos ambientes institucionais, onde há a fragilidade e a insuficiência das noções de territorialidade, espaço pessoal, habitabilidade e humanidade, os usuários acabam desenvolvendo passividade com relação ao ambiente, não se queixando de fatores que possam lhe causar incômodo. Sommer (1973, p. 117) ainda justifica não saber “[...] se a falta de queixas se deve aos sentimentos de resignação e impotência, à crença de que as queixas não têm outro efeito senão marcar o internado ou ao embotamento sensorial depois de longo período de internamento”.

#### 4. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

De acordo com Fischer (1994), a apropriação faz parte de um esquema de conduta desenvolvido pelo indivíduo na sua relação com o espaço, sendo a projeção de um tipo de comportamento. Portanto, a idéia de “lugar” é o ponto de partida das recomendações descritas a seguir, uma vez que, como afirma Relph (1980), o homem estabelece suas relações através de lugares, o que faz destes o pano de fundo das relações sociais. “Lugar” é definido, então, como sendo um determinado espaço que atrai a atenção e concentra as intenções do homem, e com o qual o homem estabelece uma relação emocional. Relph (1980) afirma ainda que o afastamento seja ele voluntário ou compulsório, do lugar com o qual o homem possui extrema ligação sentimental pode desencadear reações físicas como melancolia, depressão, sentimento de perda e até doenças provocadas pelos sintomas anteriores.

Dessa forma, os locais de internação devem caracterizar-se como habitações de convivência, funcionais nos serviços, acolhedoras e simples em seus aspectos arquitetônicos e essencialmente educativas em seus ambientes. Devem estimular o contato e a preparação para o reingresso à convivência familiar e à comunidade. Bins Ely (2003) confirma considerando que a influência do ambiente construído no comportamento está relacionada tanto às exigências da tarefa a ser realizada quanto às características e necessidades do usuário.

As rotinas e regulamentos são estabelecidos para que haja uma ordenação no suprimento das inúmeras necessidades dos assistidos. No entanto, a meta, que deve permear as demais, é a construção de um ambiente solidário e coerente às condições peculiares de desenvolvimento do jovem. A criação de espaços, que facilitem a realização de atividades extras à rotina diária, promove o desenvolvimento de novos enfoques sociais e estimula a re-socialização do jovem. Dessa forma as expectativas de futuro e a auto-estima, também serão trabalhadas.

Durante a utilização do espaço, observou-se que as adolescentes fazem diversas adaptações para realização das tarefas diárias. Para tanto, sugerem-se a modificação do *layout* da sala e a inserção de mobiliário mais confortável. Poltronas coerentes com o uso e as dimensões das usuárias, em número de dez assentos, lotação máxima permitida para o ambiente, são sugeridas como alternativa ao banco de concreto – muito incômodo e fixo. Recomenda-se a colocação de dois ou três jogos de mesas e cadeiras leves que possam ser deslocados, possibilitando diferentes os arranjos do mobiliário de acordo com a atividade a ser desenvolvida.

Para resolver o problema com os desenhos nas paredes, recomenda-se uma pintura. Como sugestão de cor, escolheu-se o verde, pois, com base em fundamentos psicológicos, essa cor traz equilíbrio e harmonia, ajuda a reduzir a tensão e o *stress*. “O verde proporciona a sensação que se tem quando se dá uma caminhada no bosque e no campo: uma profunda sensação de liberdade e fluidez. É cor relaxante e repousante [...] (LACY, 1996, p.23)”. Segundo Figueiredo e Mont’Alvão (2004) a cor é um elemento ambiental que atua como estímulo, podendo influenciar o humor, a satisfação e a motivação do indivíduo.

Recomenda-se, também a reformulação das aberturas visando um maior controle do ambiente pelas usuárias. Para isso, indica-se a remoção do fechamento e das *brises* de concreto, retornando ao tamanho original, com 2,12 x 1,10 metros e peitoril com 1,10 metros, recomendando-se a implantação de caixilhos fixos, com vidros translúcidos do tipo laminado, coerentes com as normas de segurança. Acima das janelas, sugere-se a colocação de venezianas horizontais com acionamento manual que permitam a circulação de ar na sala.

Por fim, afirma-se que um ambiente protetor, que resgate os valores de cidadania, é fundamental para garantir que nenhum jovem seja privado de recursos materiais e emocionais necessários para atingir seu potencial e assim participar do convívio social com plenitude e igualdade de condições.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília: Ministério da Saúde, 1990. 110 p.

BESSA, Olavo Fontes Magalhães; SANTOS, Elaine Cristina dos; ROCHA, Edivania Maria; MORAES, Anamaria. *Ergodesign de Mobiliário Urbano Elaborado a partir de Critérios da Ergonomia do Ambiente Construído*. In: Revista de Ergodesign e Usabilidade. Rio de Janeiro: iUsEr. Ano I, vol. 01, inverno, 2002.

BINS ELY, Vera Helena Moro. *Acessibilidade Espacial – Condição Necessária para o Projeto de Ambientes Inclusivos*. In: MORAES, Anamaria (org.) *Ergodesign do Ambiente Construído e Habitado: Ambiente Urbano, Ambiente Público, Ambiente Laboral*. Rio de Janeiro: IUsEr, 2004. 146pg.

BINS ELY, Vera Helena Moro; *Ergonomia + Arquitetura: buscando um melhor desempenho do ambiente físico*. *Anais do 3º Ergodesign - 3º Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de interfaces Humano-Tecnologia: Produtos, Programas, Informação, Ambiente Construído*. Rio de Janeiro: LEUI/PUC-Rio, 2003.

BINS ELY, Vera Helena Moro, BENAMY, Turkienicz, GONTIJO, Leila, VOYÉ. *Integração das Diretrizes Energéticas no Processo de Concepção Arquitetônica*. In: RIO, Vicente del; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso, (org.) *Projeto do lugar colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ PROARQ, 2002, 392p.

FIGUEIREDO, Juliane; MONT’ALVÃO, Cláudia. *A Ergonomia Ambiental no Processo de Composição Cromática de Locais de Trabalho de Escritório*. In: MORAES, Anamaria (org.) *Ergodesign do Ambiente Construído e Habitado: Ambiente Urbano, Ambiente Público, Ambiente Laboral*. Rio de Janeiro: IUsEr, 2004. 146pg.

FISHER, Gustave-Nicolas. *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget. Perspectivas Ecológicas, 1994. 216p.



- GESELL, Arnold. *A criança dos 5 aos 10 anos*. 3.ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998. 403 p.
- GIFFORD, Robert. *Environmental Psychology*. Principles and Practice. 1987. p. 197-223.
- HALL, Edward T. *A Dimensão Oculta*. Tradução Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977. 200p.
- LACY, Marie Louise. *O Poder das Cores no Equilíbrio dos Ambientes*. Tradução Carmen Fischer. 9 ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2002.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Ed. Atlas, 1996. 231 p.
- NEWCOMBE, Nora. *Desenvolvimento Infantil: abordagem de Mussen*. 8.ed. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1999. 561 p.
- OKAMOTO, Juan. *Percepção Ambiental e Comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação*. São Paulo: Mackenzie, 2002. 261p.
- OLIVEIRA, Elena Maria Duarte de. *Centro de Apoio ao Adolescente Infrator*. Trabalho final de conclusão de curso, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004. 112p.
- RELPH, Edward. *Place and Placelessness*. London: Pion Limited, 1980. 156p.
- SAVI, Aline Eyng. *Implantação de Abrigo Infantil no Município de Criciúma*. Trabalho final de conclusão de curso, Centro Tecnológico, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2005. 55p.
- SOMMER, Robert. *Espaço pessoal: as bases comportamentais de projetos e planejamentos*. São Paulo: EPU : Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. 220p.